

muito importante iniciar essa conduta terapêutica o quanto antes, já que a reposição precoce evita a intensificação dos sintomas neurológicos. **Conclusão:** Esse quadro neurológico do caso é raro quando associado ao déficit de cobalamina, mas todas as outras causas neurológicas foram descartadas. Como houve melhora clínica após o tratamento específico de reposição da vitamina, o diagnóstico foi corroborado.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2021.10.814>

AS TOXICIDADES QUE IMPEDEM O AVANÇO NO TRATAMENTO HEMATO-ONCOLÓGICO COM CAR-T CELLS



BMS Gomes, CA Martins, LCO Bariani, EMMB Bariani, AMTCE Silva

Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás), Goiânia, GO, Brasil

Objetivos: Identificar as principais limitações encontradas no tratamento com CAR T- cells em doenças hemato-oncológicas. **Material e métodos:** Trata-se de uma análise sistemática, com busca na plataforma PubMed, onde foram utilizados os descritores (car t cell OR car-t cell) AND hematology, com restrição de 5 anos. Foram encontrados 1.190 artigos, dos quais, a partir de restrições para melhor adaptação ao tema, foram selecionados 145. **Resultados:** A maioria dos estudos considera a síndrome de liberação de citocinas (CRS) como a toxicidade mais presente no tratamento. O quadro clínico se inicia nos primeiros dias após a infusão e os sintomas vão desde gripe leve até febre alta, hipóxia e hipotensão chegando a eventos neurológicos. Outras pesquisas defendem a neurotoxicidade como o acometimento mais visto na prática de pesquisa, porém menos compreendido. Além disso, outros efeitos adversos foram levantados, como aplasia de células B em curto ou longo prazo, a síndrome de lise tumoral e, de forma mais rara, a doença do enxerto contra hospedeiro (GVHD). **Discussão:** A CRS advém da múltipla sinalização intracelular, correlacionada com a atividade antitumoral, o que acaba induzindo a liberação excessiva de citocinas, como IL-1, IL-2 L-6 e TNF- α . A análise pode ser feita em tempo real pelo uso da PCR e funciona como um marcador laboratorial do início e intensidade da CRS. Foi percebido que sua gravidade é diretamente relacionada à carga da doença no momento da infusão, pois pacientes que apresentam uma alta carga tumoral experimentam uma versão mais violenta da síndrome. Apesar de a fisiopatologia causadora dos efeitos neurotóxicos ser desconhecida, é provável que níveis elevados de citocinas possam ser responsáveis pelas sequelas neurológicas. Dessa forma, esse efeito seria uma consequência da CRS e não, propriamente, um efeito adverso separado. Por outro lado, a toxicidade direta pelo tratamento com CAR-T no sistema nervoso central também é possível, levando em consideração que a barreira hematoencefálica é permeável às células utilizadas na terapia. Até o momento, a neurotoxicidade tem sido reversível na maioria dos casos. A aplasia de células B é outro efeito adverso frequentemente relatado no tratamento com CAR-T cell. A principal diferença entre a de curto e a de longo prazo é que a primeira pode não necessitar

de tratamento, enquanto a de longo prazo pode mitigar reposição mensal de imunoglobulinas, além de se fazer necessário o acompanhamento estendido para posterior avaliação dos efeitos, especialmente quando a terapia celular é aplicada em crianças. A hipogamaglobinemia é o principal achado dessa toxicidade, porém os níveis tendem a se recuperar conforme decresce o número de células CAR-T, o que faz com que essa aplasia sirva como um biomarcador da função contínua da terapia celular. A destruição maciça de células tumorais e consequente liberação do seu conteúdo no espaço extracelular caracteriza a síndrome de lise tumoral. Uma vez circulantes, os metabólitos provenientes da lise podem interferir nos mecanismos homeostáticos. Estas alterações provocam a ocorrência de diversas manifestações clínicas, incluindo lesão renal aguda, convulsões, podendo levar até a morte súbita. **Conclusão:** As toxicidades apresentadas demonstram que apesar de promissor, o tratamento com car t cell necessita melhorias. Compreender as principais dificuldades no sucesso da terapia é o primeiro passo para torná-la cada vez mais real dentro da prática clínica.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2021.10.815>

AValiação DO CONHECIMENTO DE ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO ACERCA DA DOAÇÃO DE MEDULA ÓSSEA



LLSP Domingues, FDRP Oliveira, LG Figorelle, CAPR Neto, MA Gomes, GL Guerra, TAA Salgado, MG Maiolino, A Maiolino, MFD Gaudi

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

O transplante de medula óssea é essencial para a terapêutica de pacientes cuja patologia interfere na hematopoiese, como as leucemias, aplasias medulares e síndromes de imunodeficiência. Segundo dados do REDOME de abril de 2021, 229.072 novos doadores foram cadastrados no ano de 2020 e o número de doadores voluntários está em crescimento. A insegurança decorrente do desconhecimento do procedimento é uma das principais barreiras para o recrutamento de novos doadores. Diante disso, este trabalho tem por objetivo analisar o conhecimento dos acadêmicos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) acerca desse procedimento. Foi realizado inquérito, a partir de questionário com 11 perguntas, elaborado pela Liga Acadêmica de Hematologia e Oncologia da UFRJ utilizando a plataforma online Google Forms, tendo como público alvo alunos de graduação da UFRJ no período de 17 de maio a 16 de junho de 2021. A divulgação foi feita via Sistema Integrado de Gestão Acadêmica (SIGA), e-mails das classes e redes sociais. No total, 301 alunos responderam, 23% estão no primeiro ano de graduação, 19,6% no segundo, 26,5% no terceiro, 6% no quarto e 6% estão graduados ou após o quarto ano. A maioria dos respondentes (70,8%) é do sexo feminino. Respondedores foram 5,3% com menos de 20 anos, 83,7% de 20 a 25 anos, 9% de 26 a 30 anos e 2% com mais de 30 anos. Em relação às áreas de estudo, 228 (75,8%) são de saúde/

biológicas, 19 (6,3%) de exatas, 20 (6,6%) de humanas e 34 (11,3%) de outras áreas. Em relação aos hábitos de doação: metade dos alunos respondedores afirmou já ter doado sangue alguma vez e dos doadores é regular, ou seja, doam 3 ou mais vezes por ano. Quanto às contraindicações à doação, 70,4% não as apresentam. Em relação ao conhecimento sobre doação de medula óssea, 21,6% conhece o REDOME e 10,3% dos alunos é cadastrado como doador de medula óssea. Quando questionados acerca do procedimento de coleta da medula, 40,4% afirma não conhecer o procedimento, 19,2% acredita que a medula óssea é coletada do sangue arterial ou da coluna vertebral e 40,4% respondeu que o procedimento é feito pelo osso do quadril, ou seja, 59,6% dos alunos responderam equivocadamente ou desconhecem o procedimento. Dos alunos cadastrados como doadores de medula óssea, 77,4% responderam corretamente sobre o local de coleta da medula, sugerindo que o desconhecimento sobre o assunto pode influenciar nos baixos índices de cadastramento de novos doadores, apesar do crescimento constante. Além disso, do total de respondentes, 38,5% afirma ter alguma razão para não doar medula óssea, como temer dor durante a coleta ou acreditar que haverá prejuízo à saúde do doador. Dos 185 alunos que não possuem razões para não doar, somente 16,2% são cadastrados como doadores de medula óssea e 39,4% afirmaram não conhecer o procedimento, o que corrobora a hipótese de que o desconhecimento sobre a doação de medula atua como fator de influência no cadastro de novos indivíduos, enquanto principal impeditivo para a doação.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2021.10.816>

AValiação DO PERFIL DE CONHECIMENTO E PREDISPOSIÇÃO À DOAÇÃO DE SANGUE POR PÓS-GRADUANDOS DA ÁREA DA SAÚDE



MS Vieira, BS Caetano, ML Schiavenin,
NA Borges, NE Gelsleichter, PFP Paz,
SC Wagner, LN Rotta

Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), Porto Alegre, RS, Brasil

Introdução: Apesar do sangue, enquanto recurso terapêutico, ser indispensável nos cuidados com a saúde, atualmente no Brasil o número de doadores de sangue não atinge a meta proposta pela OMS de que, em média, 3% da população seja doadora. Estudantes e profissionais da área da saúde são especialmente importantes como disseminadores de conhecimento associado à doação de sangue e como potenciais doadores. **Objetivos:** Avaliar o perfil de conhecimento e a predisposição à doação de sangue pelos alunos de pós-graduação de uma universidade especializada na saúde (UFCSPA), bem como os aspectos associados a esses fatores. **Metodologia:** Estudo transversal prospectivo, que utilizou um questionário on-line autoaplicável, contendo um termo de consentimento livre e esclarecido, para levantamento de dados sociodemográficos e avaliação da predisposição e do conhecimento (9 perguntas sobre as etapas, requisitos e situação dos estoques de sangue) dos estudantes em relação à doação sanguínea. **Resultados:** 110 alunos de pós-graduação vinculados à

área da saúde participaram do estudo. A maioria (56,4%) já doou sangue alguma vez e 90% tem intenção de doar futuramente. No caso de ser um conhecido necessitando de sangue, 99,1% dos participantes responderam que doariam. O nível de conhecimento satisfatório (>70% de acertos) foi predominante (42,7%) e dentre esses indivíduos, 70,2% já doou sangue, 72,3% teve alguma disciplina/aula sobre a doação e 78,7% pertence a profissões em maior contato com a atuação em banco de sangue (biomedicina, biologia, enfermagem, farmácia e medicina). Dentre os indivíduos com conhecimento insatisfatório (<50% de acertos), 90,5% nunca doou sangue, 71,4% nunca teve disciplina/aula sobre o assunto e 66,7% pertence a outras profissões que não as citadas. Também se constatou que a maioria dos estudantes com intenção de doar sangue apresentou conhecimento satisfatório (46,5%). **Discussão:** A avaliação da predisposição à doação de sangue e, principalmente, do conhecimento sobre esta prática na população brasileira ainda é insuficiente. A pesquisa revelou a associação do conhecimento satisfatório com a intenção de doar sangue, realização de disciplina/aula que envolvesse o tema e com a prática da doação, demonstrando a importância de abordagens educativas para a disseminação e consolidação de conhecimento sobre a doação de sangue e a influência deste na adesão a essa prática. Constatou-se também que a maioria dos indivíduos estaria disposta a doar, sendo que, se esta doação for para um conhecido, há uma maior motivação de praticá-la. Este achado corrobora com o grande número de doadores de reposição existente. Por fim, embora a maioria dos participantes já tenha doado sangue, percebe-se que a prática de doação entre os acadêmicos de pós-graduação ainda é baixa e precisa ser incentivada. **Conclusão:** O estudo proporcionou a identificação de aspectos relacionados com a motivação de doar e com o nível de conhecimento sobre a doação de sangue, contribuindo para a construção de estratégias voltadas ao público pesquisado. Assim, busca-se conquistar um maior número de doadores regulares dentro desta população e garantir maior acesso à informação, para que estes profissionais da saúde possam atuar incentivando a doação de sangue.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2021.10.817>

COMPARAÇÃO DE INTERNAÇÕES POR LINFOMA DE HODGKIN E NÃO HODGKIN NO BRASIL: ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO DE 2015 A 2020



BFB Bassani, AL Schuster, PRC Consoni

Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), Canoas, RS, Brasil

Objetivos: O linfoma de Hodgkin (LH), em geral, tem o diagnóstico em estágio inicial, sendo considerado um dos cânceres mais tratáveis e curáveis. Já o linfoma não-Hodgkin (LNH) não apresenta diagnóstico até que tenha atingido estágio mais avançado. Dessa forma, considerando a diferença no período de diagnóstico inicial, o objetivo do trabalho é comparar as internações por LH e LNH entre 2015 a 2020, relacionando ao sexo, faixa etária e região brasileira,